

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
FACULDADE DE LETRAS

DISCURSOS SOBRE ESTUDAR-TRABALHAR NA PAISAGEM LINGUÍSTICA DA
FACULDADE DE LETRAS/UFRJ

Beatriz Pereira Hirtz Guerra

Rio de Janeiro

2023

Beatriz Pereira Hirtz Guerra

**DISCURSOS SOBRE ESTUDAR-TRABALHAR NA PAISAGEM LINGUÍSTICA DA
FACULDADE DE LETRAS/UFRJ**

Monografia submetida à Faculdade de Letras da
Universidade Federal do Rio de Janeiro, como
requisito parcial para obtenção do título de
Licenciada em Letras na habilitação
Português/Inglês.

Orientadora: Profa. Dra. Branca Falabella Fabrício

Rio de Janeiro

2023

CIP - Catalogação na Publicação

G934d Guerra, Beatriz Pereira Hirtz
Discursos sobre estudar-trabalhar na paisagem
linguística da Faculdade de Letras/UFRJ / Beatriz
Pereira Hirtz Guerra. -- Rio de Janeiro, 2023.
32 f.

Orientadora: Branca Falabella Fabrício.
Trabalho de conclusão de curso (graduação) -
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade
de Letras, Licenciado em Letras: Português -
Inglês, 2023.

1. paisagem linguística. 2. estudante
trabalhador/a. 3. Discursos. 4. educação. 5.
ideologia. I. Fabrício, Branca Falabella, orient.
II. Título.

RESUMO

Este trabalho explora, na perspectiva da geosemiótica, a paisagem linguística da Faculdade de Letras/UFRJ. O objetivo desta pesquisa é analisar quais Discursos sobre a tensão estudar-trabalhar circulam nesse espaço, procurando entender as implicações ideológicas da interação entre signos, espaço e Discursos. Para isso, a pesquisa se insere no campo da etnografia da linguagem, e utilizou a fotografia como método de geração de dados. Ao longo de cinco meses, foram tiradas fotografias em diferentes locais da Faculdade de Letras/UFRJ, incluindo salas de aula, corredores, banheiros e áreas externas. A partir da análise dessas imagens, foi observado que a paisagem linguística da Faculdade de Letras/UFRJ é marcada por tensões no que toca o sucateamento do ensino superior público e em relação ao impacto desse descaso na vida do/a estudante-trabalhador/a. Além disso, também foi possível identificar Discursos que reproduzem ideologias conservadoras que depreciam a juventude universitária. O trabalho por fim buscou gerar entendimentos das dificuldades que estudantes, consideradas/os como parte da classe trabalhadora, enfrentam para concluir a graduação.

Palavras-chave: paisagem linguística; estudante-trabalhador/a; Discursos; educação; ideologia

ABSTRACT

This work explores, from the perspective of geosemiotics, the linguistic landscape of Faculdade de Letras/UFRJ. The main objective of this research is to analyze which Discourses about the studying-working tension circulate in this space, seeking to understand the ideological implications of the interaction between signs, space, and Discourses. In this regard, the research falls within the field of the ethnography of language and uses photography as a data generation method. Over five months, photographs were taken in different locations at Faculdade de Letras/UFRJ, including classrooms, corridors, bathrooms, and external areas. From this analysis, it was observed that the linguistic landscape of Faculdade de Letras/UFRJ is marked by tensions related to the neglect of public higher education and the impact of this abandonment on the lives of student-workers. Furthermore, it was also possible to identify Discourses that reproduce conservative ideologies that depreciate university students. This research sought to comprehend students as part of the working class and the difficulties they face in order to graduate.

Keywords: linguistic landscape; student-worker; Discourses; education; ideology

SUMÁRIO

1- INTRODUÇÃO	6
2- TEORIAS EM FOCO	9
2.1 Discursos	9
2.1 A relação entre signos, pessoas e espaços	10
2.2 Notas sobre paisagens linguísticas e a geosemiótica	11
3- METODOLOGIA	12
4- ANÁLISE DOS DADOS DA PESQUISA	14
4.1 Mensagens escritas em banheiros femininos	14
4.2 Panfleto colado na porta de uma sala de aula	23
4.3 Cartaz amarrado na área externa da FL/UFRJ.....	27
5 - CONSIDERAÇÕES FINAIS	30
6- REFERÊNCIAS	32

1. INTRODUÇÃO

Em nossa vida cotidiana somos rodeados por signos de toda espécie: signos linguísticos, como palavras e expressões, e não-linguísticos como imagens, cores, números, entre muitos outros. Signos agrupados em textos se incorporam às nossas experiências diárias na forma de cartazes, placas, *outdoors*, letreiros, vitrines e grafites, presentes em determinados espaços. Muitos teóricos referem-se à localização de signos em diferentes ambientes pelo termo paisagem linguística. Landry e Bourhis (1997), por exemplo, apontam que as paisagens linguísticas “referem-se à visibilidade e à importância da linguagem presente nos signos públicos e comerciais de um determinado território ou região”. (LANDRY; BOURHIS, 1997, p. 23).

O estudo da paisagem linguística de cidades é uma área relativamente nova, que abriga investigações da presença de signos e seus significados em áreas abertas, como ruas e avenidas, e fechadas, no interior de prédios. Nelas explora-se o processo de produção de sentidos implicado na colocação de signos em “espaços históricos” por “corpos históricos” (SCOLLON; SCOLLON, 2004). Na mesma linha, Shohamy et. al. (2010) observaram que a paisagem linguística de uma certa área é indicativa de seus habitantes, de seus corpos e de relações sociais entre eles. Isso quer dizer que os espaços, os signos neles presentes e a forma como as pessoas interagem com eles não são neutras, visto que os significados convocados por signos estão diretamente atrelados ao local e à forma em que são colocados no mundo (SCOLLON; SCOLLON, 2003). Tendo em vista tal fenômeno, o foco geral deste estudo é explorar a paisagem linguística da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

Cada vez mais, as universidades têm se tornado um espaço plural no qual estudantes de diferentes culturas, origens, trajetórias e classes sociais se encontram e dividem o mesmo espaço. Por ser um ambiente intercultural, a relação estudante-universidade não se mantém da mesma forma para todos/as. Muitos estudos indicam que as diferentes realidades econômicas, sociais, culturais dos/as alunos/as impactam sua trajetória dentro da universidade (VARGAS; PAULA, 2013). Podemos ter pistas das tensões vivenciadas por discentes durante seus percursos na universidade através da circulação de Discursos indexados pelos textos presentes em murais, portas de banheiros, paredes de corredores e salas de aula. Como veremos, tais textos são complexos amálgamas de farrapos discursivos que se incorporam à paisagem universitária.

Motivada por essa compreensão, passei a observar de modo meticuloso a paisagem linguística da Faculdade de Letras, ao caminhar por seus corredores. Tinha sempre o celular em mãos, pronto para fotografar todos os signos com os quais eu me deparasse. Essa prática exploratória permitiu-me perceber que na Faculdade de Letras (FL/UFRJ) diversos Discursos (GEE, 1999) ecoam na forma de signos que espelham preocupações educacionais. Uma delas chamou minha atenção por tratar das dificuldades em conciliar trabalho e estudo. Nesse sentido, o objetivo pontual da presente pesquisa é analisar quais Discursos sobre a tensão estudar-trabalhar circulam na Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Busco aqui refletir sobre as implicações ideológicas da interação de signos históricos, espaços históricos e corpos históricos (BLOMMAERT; HUANG, 2015), entendendo o uso de signos e sua colocação em determinados locais (*emplacement*) como um ato ideológico (JAWORSKI; THURLOW, 2010).

A UFRJ é uma instituição pública de ensino superior que atende a um público plural, inclusive estudantes da classe trabalhadora. Para garantir a inclusão desses/as alunos/as, a UFRJ oferece uma série de políticas universitárias, como bolsas, auxílios e programas de apoio, que ajudam os/as estudantes a arcarem com as despesas de estudo, moradia, alimentação e transporte. Essas políticas são essenciais para que discentes tenham tempo e energia para se dedicar aos estudos, superar as barreiras acadêmicas e aproveitar ao máximo as oportunidades que a universidade oferece. Nesse sentido, as políticas universitárias são um importante passo para a democratização do ensino superior e para a inclusão de todos/as os/as estudantes, visto que elas ajudam a garantir que a universidade se torne um espaço cada vez mais justo e inclusivo. Entretanto, apesar das medidas de apoio estudantil existentes, muitas pessoas ainda enfrentam grandes desafios para manter a matrícula universitária.

Os últimos anos foram trágicos no que diz respeito ao investimento em educação pública no nosso país. Especialmente em relação às universidades federais, o governo Bolsonaro promoveu um intenso corte de verbas de entre os anos de 2019 e 2022, o que levou à redução de oferta de cursos, à deterioração das condições de ensino e à redução de bolsas de estudo. Tamanho corte das bolsas dificultou a permanência de estudantes na faculdade, tendo em mente que muitos/as precisam conciliar os estudos com o trabalho para arcar com despesas de moradia, alimentação e transporte. Simultaneamente aos cortes de verba, acontecia a pandemia da Covid-19, que afetou diretamente as relações de trabalho já existentes. Durante esse período, houve desemprego em massa e o aumento da precarização do trabalho, visto que muitas empresas reduziram custos e passaram a oferecer contratos de trabalho mais precários, como

os contratos temporários e os contratos de prestação de serviços. E, em meio a esse panorama caótico, estava o/a estudante trabalhador/a, com pouquíssimo amparo financeiro vindo da faculdade e sem estímulo e condições para seguir a jornada acadêmica. Apesar do fim da pandemia e da mudança para um governo mais atento às questões sociais, ainda é possível observar as consequências do desgoverno nos dias atuais, e é diante desse cenário que esta pesquisa se localiza.

Os últimos anos foram marcados pela intensa circulação de Discursos que questionavam a credibilidade e a seriedade da educação pública, tendo como principal autor desses ataques o ex-presidente Jair Bolsonaro. Este criticou repetidamente os/as estudantes das universidades federais, acusando-os/as de serem “militantes”, “esquerdistas” e “vagabundos”, que balburdiavam pelo *campus* e faziam de tudo, menos estudar.

Com um olhar atento à paisagem linguística da Faculdade de Letras ao longo do ano de 2023, pude perceber a presença de uma variedade de signos que apontam para a tensão estudar-trabalhar na faculdade. Dentre eles, notei que os banheiros são foco de muitas práticas discursivas encontrei neles signos que apontam para discussões sobre políticas estudantis e a demora para concluir a graduação, além de questionamentos sobre como aproveitar a faculdade sendo trabalhador/a. Também pude observar cartazes reivindicando o reajuste das bolsas e panfletos de movimentos estudantis que clamavam por mais auxílio da universidade, visto que estudantes também são da classe trabalhadora. Esses são só alguns exemplos das tensões que circulam pela FL/UFRJ. Tendo em vista tal cenário, a análise dos signos será problematizada a partir dos seguintes questionamentos: Quais signos são entextualizados em quais áreas? Como eles dialogam com outros signos presentes no local?; Quem os produziu?; Com que corpos eles interagem?; Qual é a situação social em que os signos estão inseridos?; Para quais Discursos apontam?

Alguns dos dados recontextualizados nesta pesquisa consistem em imagens fotografadas dentro do prédio da Faculdade de Letras da UFRJ ao longo de cinco meses. São mensagens escritas em paredes de banheiros, um pôster colado na porta de uma sala de aula e um cartaz amarrado na área externa da faculdade. Esses dados refletem as percepções de estudantes, por vezes conflitantes, sobre as oportunidades acadêmicas e as políticas universitárias que são centrais para a vida dos/as alunos/as de uma universidade federal. Considerando os corpos históricos dos/as estudantes que produziram e interagiram/interagem com tais signos, a análise em tela é uma ferramenta valiosa para compreender as posições

ideológicas em relação à instituição, ao corpo discente e aos objetos que compõem o ambiente universitário.

Na seção seguinte, contextualizo brevemente a compreensão da linguagem conforme o campo da Linguística Aplicada e apresento um panorama geral sobre a linha de pesquisa em que este estudo está inserido. Para isso, trato do conceito de Discurso como ferramenta analítica em relação à compreensão do uso da linguagem como um ato político. Também discuto ideias que estão atreladas ao estudo da geosemiótica, conceito que norteia esta pesquisa. Nessa direção, contemplo as noções de indexicalidade e entextualização, além de conceituar o que são paisagens linguísticas. Após essa breve discussão teórica, detalho os procedimentos metodológicos e, em seguida, apresento e analiso os dados. A monografia se encerra com algumas considerações sobre os Discursos relacionados à prática de estudar-trabalhar que mais circulam na paisagem linguística da FL/UFRJ.

2. TEORIAS EM FOCO

A crença de que o principal objetivo da linguagem é a troca de informações é bastante difundida no campo da linguística. No entanto, segundo outras abordagens, o intercâmbio de mensagens é apenas uma de suas várias funções. Neste trabalho, apoio-me na perspectiva da Linguística Aplicada (LA) que entende a linguagem como uma prática social, cultural, institucional e política. De acordo com essa perspectiva, a linguagem não é uma atividade individual e autônoma, pelo contrário, ela é inseparável da esfera social. Em face de tal entrelaçamento, a LA problematiza a linguagem sob um olhar contextualizado, de forma que o uso da língua não é analisado isoladamente, mas, sim, como discurso associado aos contextos de produção, circulação e interpretação. Imbuídos de significados, as práticas e contextos discursivos estão longe de serem neutros, pois sua construção é influenciada por ideologias em circulação.

2.1 Discursos

Para Gee (1999), o uso da língua é uma prática política, porque quando produzimos linguagem, seja de forma escrita ou falada, sempre o fazemos segundo uma perspectiva particular. Nessa ótica, quando produzimos linguagem, somos constantemente atravessados por trajetórias, identidades e narrativas que produzem, reproduzem e apontam para Discursos (GEE, 1999) no mundo material. Frente a tal compreensão, apoio-me no conceito de Discurso para dar conta da complexidade que é analisar o uso da linguagem em seu completo

entrelaçamento com elementos linguísticos e não linguísticos presentes nas práticas sociais. Na concepção de Gee (1999), os Discursos são práticas sociais, que moldam nossas compreensões de mundo e nos levam a reconhecer coisas e pessoas por certos vieses.

No livro *An Introduction to Discourse Analysis* (GEE, 1999), o autor diferencia discurso com ‘d’ minúsculo de Discurso com ‘D’ maiúsculo. O primeiro se refere ao emprego de signos em situações comunicativas. Já o segundo diz respeito às ações, interações, símbolos, crenças, valores e modos de pensamento que guiam o uso de signos. Para o autor, Discursos têm orientação ideológica, sinalizada pela relação estabelecida entre linguagem e pessoas, espaços, tempo, ações, interações, símbolos, expressões verbais e não verbais, objetos. Nessa perspectiva, entende-se que Discursos circulam no mundo e nós interagimos com eles o tempo todo, pois nossa linguagem em uso aponta para eles. Indexicalidade é o termo que alude a essa capacidade dos signos de apontarem não apenas para coisas e pessoas, mas também para Discursos e ideologias (cf. seção 2.3 abaixo). O que busco fazer neste trabalho é analisar os Discursos que contribuem para as tensões de ser estudante e trabalhador/a observando quais ideologias eles indexam.

2.2 A relação entre signos, pessoas e espaços

A prática discursiva envolve aspectos linguísticos entrelaçados a elementos visuais, práticas espaciais e dimensões-culturais. Há nessa perspectiva a compreensão do conceito de paisagens como uma maneira de enxergar o mundo e como uma ideologia visual, conforme indica Cosgrove (1984, *apud* JAWORSKI; THURLOW, 2010). Por estarem imbuídas de significados que são construídos em uma interpretação sociocultural, as paisagens são consideradas elementos semióticos. Dentro dessa temática, Jaworski e Thurlow (2010), definem paisagens semióticas como qualquer espaço público com inscrições realizadas por indivíduos que produzem significados. São espaços dialógicos que, convocando ideologias, orientam o posicionamento de indivíduos.

Ao considerar a natureza intersubjetiva da relação entre pessoas e lugares, verifica-se que os indivíduos performam suas identidades sociais conforme os contextos dos quais fazem parte. Discursos presentes em enquadramentos semióticos indexam valores sociais que nos orientam através de níveis de estratificação territorial e social (JOHNSTONE, 2004, *apud* JAWORSKI; THURLOW, 2010). Como nos espaços estão presentes Discursos que indexam valores sociais, nós desenvolvemos um senso de pertencimento com determinadas localidades geográficas, o que gera um movimento de inclusão e exclusão de pessoas em relação a certos

espaços. Dentro dessa ordem socioespacial, somos categorizados segundo o binário nós *versus* eles.

2.3 Notas sobre as paisagens linguísticas e a geosemiótica

Como apontado na Introdução, os discursos estão presentes nas placas, *outdoors*, nomes de ruas e até nas pichações, espaços públicos estão repletos de signos que, combinados, formam paisagens linguísticas. Elas são ambientes de intensas práticas D/discursivas, nas quais os significados convocados pela linguagem estão diretamente relacionados ao local em que o signo linguístico foi entextualizado. Vale ressaltar que me refiro a signos como qualquer objeto material que aponta para significados no mundo, conforme indicam Scollon e Scollon (2003). Esse pensamento nos permite considerar o conceito de geosemiótica (SCOLLON; SCOLLON, 2003), que aponta para o entendimento de que os Discursos estão embasados no mundo. A entextualização é um construto teórico que diz respeito à mobilidade de textos, partindo da premissa de que textos existem em movimento. Esses signos em movimento são retirados de um determinado contexto, portanto descontextualizados, sendo recontextualizados em outro ambiente. Tal processo, segundo Blommaert (2005), acrescenta um novo contexto metadiscursivo ao texto. Nesse viés, ao tratarmos das paisagens linguísticas como espaços de entextualização de Discursos, entende-se que o ato de entextualizar é ideológico e que pode nos levar às estruturas sociais (BLOMMAERT, 2005). Desse modo, signos, espaços e os corpos com que eles interagem não são neutros, pois são efeitos de uma história de usos.

No quadro teórico da geosemiótica, entende-se que a indexicalidade, a ação humana e a identidade são geradas historicamente e estão entrelaçadas aos espaços físicos e a momentos no tempo. Isso significa que sempre que um indivíduo se engaja em uma atividade social, ele traz consigo todas as suas experiências, saberes, interesses, condições e restrições que permeiam tal atividade social. Nessa perspectiva, Scollon e Scollon (2004) contemplam o conceito de corpo histórico para abarcar toda a história de vida que as pessoas trazem quando interagem com o mundo material. Do mesmo modo, há uma série de expectativas normativas em relação aos espaços e aos objetos, atividades e fenômenos que os atravessam, tornando-os locais inseparáveis da historicidade das normas que neles incidem. Nesse viés, ao considerarmos a natureza semiótica da relação entre pessoas e espaços, percebemos que corpos históricos estão intrinsecamente ligados a espaços históricos, o que produz uma ordem de interação na relação entre pessoas e lugares. Para Scollon e Scollon (2004), as atividades sociais estão situadas na intersecção entre a ordem de interação, o corpo histórico e o espaço histórico.

Assim, a perspectiva da geosemiótica enfatiza a natureza sócio-histórica das paisagens, que deixam de ser vistas como cenários estáticos em que a linguagem simplesmente ocorre. Ao invés disso, os espaços passam a ser entendidos como sendo domínios dinâmicos, cujos significados se constroem na interação de espaço, corpos, signos e Discursos. Dessa forma, os significados dos textos vão mudando de acordo com os (co)textos e os sentidos que indexam. Diante de tal mobilidade, problematizo nesta pesquisa: como certos Discursos são descontextualizados e recontextualizados na paisagem linguística da Faculdade de Letras?; Que efeitos de sentido essas entextualizações produzem?

Ao me debruçar sobre o processo de analisar a paisagem linguística da Faculdade de Letras, destaco que os processos de entextualização são orientados por ordens de indexicalidade. Nas palavras de Scollon e Scollon (2003), a indexicalidade é a ideia de que os significados dependem do contexto em que estão situados, tal construto teórico entende que todos os signos apontam para ideologias que circulam no mundo. Segundo tais lentes, os Scollons (2003) também lançam luz sobre o princípio de dialogicidade, que compreende a natureza intersemiótica e interdiscursiva dos signos, ou seja, eles nunca operam de forma isolada, visto que dialogam com outros signos presentes no ambiente. Dessa forma, a indexicalidade dos signos muda não apenas de acordo com o contexto em que ele está colocado, mas também pela interação com outros signos. Infere-se, nessa ótica, que a linguagem indexa o mundo de várias formas à medida que vivemos e agimos semioticamente em espaços plenos de signos.

3. METODOLOGIA

Esta pesquisa segue os preceitos da etnografia linguística. Propõe-se a analisar a paisagem linguística na Faculdade de Letras/UFRJ. Nesse enfoque, tenho como objeto de estudo signos linguísticos e não-linguísticos que indexam Discursos sobre a vida de estudantes trabalhadores/as em uma universidade pública. À luz da análise geosemiótica, procuro entender como os signos colocados em determinados lugares indexam Discursos que são recontextualizados, reperformados e re-narrados nas interações entre pessoas e espaços. O conjunto de dados é composto por seis fotografias que eu tirei com o meu celular no prédio da Faculdade de Letras da UFRJ ao longo de cinco meses, bem como notas de campo geradas na observação de como pessoas interagem com as paisagens analisadas. As fotos foram tiradas nos banheiros femininos do segundo andar do bloco F- 200, na área externa da FL/UFRJ no corredor do segundo andar do bloco H- 200. O trabalho de campo aconteceu entre abril de 2023 e setembro de 2023. Convém apontar que os dados aqui não serão tomados como instrumento

para levantamento estatístico geográfico, mas como recurso qualitativo-metodológico que possibilita analisar a etnografia material da linguagem (STROUD; MPENDUKANA, 2009).

Por se tratar da paisagem linguística da FL/UFRJ, os dados desta pesquisa abarcam uma série de signos como mensagens escritas em paredes de banheiros, pôsteres e cartazes. Diante de tamanha pluralidade, eles foram organizados em três grupos de análise, definidos pela sua disposição espacial na Faculdade de Letras. Através da análise, observei a percepção de estudantes, por vezes conflitantes, sobre as oportunidades acadêmicas e as políticas universitárias que são centrais para a vida do aluno de uma universidade federal. Considerando os corpos históricos dos estudantes que produziram e interagiram/interagem com tais signos, a análise em tela é uma ferramenta valiosa para compreender as posições ideológicas dos alunos em relação à instituição, ao corpo discente e aos objetos que compõem o ambiente universitário. Como parte da observação etnográfica, em dezembro de 2023 realizei entrevistas através de mensagens por *WhatsApp* com colegas da FL/UFRJ. Nomeio-os aqui ficticiamente por: Ana, uma mulher branca de 22 anos, que recebe apoio financeiro dos pais e está no 10º período da faculdade; Pedro, homem negro de 23 anos, estudante-trabalhador no 12º período da faculdade e com pouca estabilidade financeira; João, homem branco de 22 anos, estudante-trabalhador que recebe apoio financeiro dos pais e está no 10º período da faculdade; Fábio, homem branco de 23 anos, 11º período da faculdade, estudante-trabalhador com pouca estabilidade financeira. Destaco que as entrevistas foram realizadas com discentes da FL/UFRJ com quem eu mantenho relações de amizade, contudo, o objetivo da pesquisa não foi compartilhado com os entrevistados. Com o objetivo de entender como os/as discentes interagem com as paisagens analisadas no estudo, encaminhei a entrevista com as seguintes perguntas: Como você interage com essas imagens? Quais são as suas percepções sobre as tensões retratadas nas imagens? Para quais Discursos sobre educação e trabalho você acha que essas imagens apontam?

As entrevistas complementam minhas observações no meu diário de campo, visto que ajudam a criar um conjunto de dados mais rico e mais complexo quando trago as perspectivas dos/as discentes que transitam pela FL/UFRJ. As entrevistas foram realizadas por *WhatsApp*, permitindo que os/as entrevistados/as respondessem às perguntas quando tivessem disponibilidade.

Ao considerar os corpos históricos que interagem com os signos analisados aqui, insiro-me também como participante desta pesquisa. Coloco-me aqui como uma estudante de classe média, que pôde abraçar as oportunidades acadêmicas e que apenas no último período da faculdade se inseriu no mercado de trabalho. Ao longo da minha trajetória discente na FL/UFRJ

pude conhecer diferentes realidades distintas da minha e a questão do trabalho e do estudo tornou-se visível. Ouvi muitos relatos de colegas que dividiam o tempo na faculdade com a jornada de trabalho e por eles pude ter breves noções das dificuldades enfrentadas por esses/as estudantes. Nessas conversas, o desabafo de uma amiga sobre como ela queria ter tido tempo para aproveitar a faculdade foi o que me motivou a tratar do tema estudante-trabalhador. A partir disso, a paisagem linguística da FL/UFRJ tornou-se o meu foco de pesquisa.

Nesta pesquisa, afastando-me de uma perspectiva positivista, não tenho pretensões de buscar verdades absolutas e resoluções para problemas. Ao contrário, como a produção de conhecimento não é neutra, procuro aqui problematizar a “rede semântica e a episteme em jogo, necessariamente sustentadas por uma multiplicidade de vozes, sistemas de valoração, discursos e regimes de verdade.” (MOITA LOPES, 2006, p.59).

4. ANÁLISE DOS DADOS DA PESQUISA

Ambientes universitários reúnem uma multiplicidade de pessoas, que vivem diferentes realidades e que performam suas identidades no espaço físico da universidade. Por estar se tornando um espaço cada vez mais democrático, a natureza das vidas e das performances dos estudantes no *campus* da UFRJ são igualmente distintas. Essa diferença é refletida diretamente no potencial de significados espalhados na paisagem universitária. Na análise que segue, busco explorar quais são os Discursos sobre estudar-trabalhar que circulam na paisagem linguística FL/UFRJ, e problematizo as ideologias que eles indexam.

4.1 Mensagens escritas em banheiros femininos

Não incomum nos depararmos com inscrições, desenhos e pichações nas cabines de banheiros públicos. Principalmente em espaços universitários, podemos observar que essa prática discursiva é uma forma que os/as estudantes encontram para expressar suas impressões de comunicação sobre assuntos que vão desde inconformidades sociais e políticas até declarações de amor. Tais inscrições materializam Discursos na forma de signos, que, muitas vezes, refletem as tensões vividas pelos alunos no dia a dia universitário. Conforme mostram as análises a seguir, as paredes dos banheiros se transformam em palimpsestos contemporâneos (SANTOS, 2012), à medida que nelas se sobrepõem signos e camadas de significado em disputa sobre trabalho, educação e os desafios de se concluir uma graduação.

Como primeiro conjunto de signos a ser analisado, podemos ver a parede de uma cabine de banheiro feminino da FL/UFRJ em que encontraremos três inscrições que formam um diálogo (ver Figura 1 abaixo).

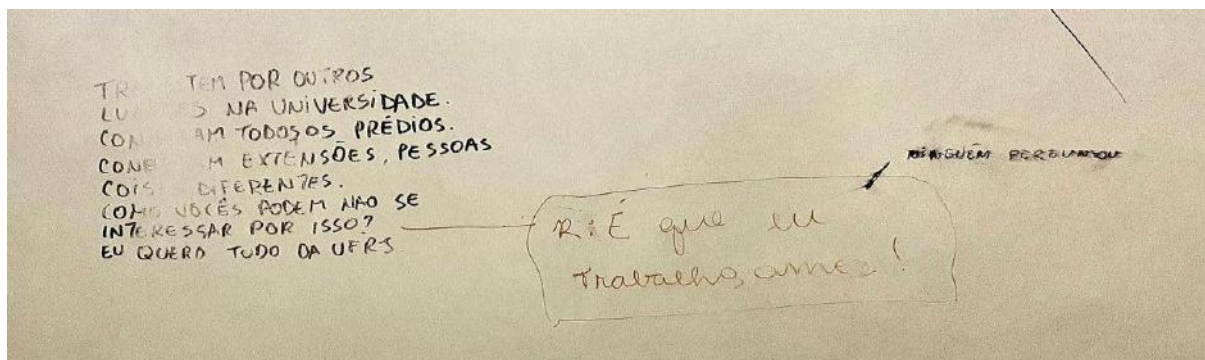


Figura 1. “Transitem por outros lugares na universidade. Conheçam todos os prédios. Conheçam extensões, pessoas, coisas diferentes. Como vocês podem não se interessar por isso? Eu quero tudo da UFRJ.” Em vermelho e dentro do quadrado: “R: É que eu trabalho, amor!”. Uma seta saindo do quadrado: “Ninguém perguntou”.

A imagem espelha uma conversa que alude a questões que constantemente perpassam a vida do estudante universitário: a importância de desfrutar a experiência acadêmica e a impossibilidade de aproveitá-la plenamente. Ao atentarmos nosso olhar à foto, é possível inferir uma ordem cronológica em que cada mensagem foi escrita e podemos levantar hipóteses de como esse fluxo discursivo foi construído. Percebe-se a presença de setas que conectam cada inscrição, encadeando uma sequência de respostas. Deduzo, então, que a mensagem escrita antes das demais é aquela que incentiva os alunos a se engajarem com os programas oferecidos pela UFRJ. Em resposta, temos o texto escrito em vermelho, dentro de um quadrado “R: É que eu trabalho, amor!”. Este é respondido com “Ninguém perguntou”. As mensagens estão um pouco apagadas, o que sinaliza que essas produções não são recentes, dado os constantes esforços da equipe de limpeza em apagar esses signos do local.

Segundo Barboza e Borba (2018), banheiros públicos são espaços que conectam diferentes períodos de tempo em um constante fluxo discursivo. Nesse sentido, verifica-se que à medida que os alunos interagem com a mensagem sobre transitar pela universidade, o signo era atualizado por meio de novas inscrições, e dessa forma, outros novos significados passaram a ser apontados. Essas camadas de significados justapostos na Figura 1 devem-se principalmente ao local em que esses signos estão colocados: a porta de uma cabine do banheiro feminino no segundo andar do bloco F-200 da FL/UFRJ. As mensagens estão estrategicamente

colocadas em um espaço em que há uma intensa circulação de alunas, as letras são grandes e legíveis, de modo que qualquer pessoa que entrasse nesta cabine as veria.

As inscrições na porta da cabine sanitária entextualizam Discursos sobre o perfil de estudantes que frequentam a Faculdade de Letras da UFRJ. Esses/as alunos/as muitas vezes são descritos/as como descompromissados, pouco engajados academicamente e que só sabem farrear pelo *campus*. Frente a tal estereótipo, vemos na imagem uma mensagem dirigida ao corpo discente da faculdade: “Transitem por outros lugares na universidade. Conheçam todos os prédios. Conheçam extensões, pessoas, coisas diferentes. Como vocês podem não se interessar por isso? Eu quero tudo da UFRJ”. O texto entextualiza o Discurso de que o estudante da FL/UFRJ pouco se interessa pela faculdade. Em um momento inicial, a mensagem aparenta ser uma repreensão à comunidade discente; um chamado para que os/as alunos/as não subestimem as oportunidades proporcionadas pela UFRJ. Entretanto, quando consideramos que há poucos anos atrás vivemos um extenso período de ataques às universidades públicas, depreende-se a entextualização de um Discurso conservador orientado por ideologias de ataque às universidades públicas.

Sob esse quadro de ataques, o espaço da universidade pública foi repetidamente indexado como um antro de comunistas doutrinadores que enaltecem a promiscuidade e o uso de drogas. Essa perseguição não somente serviu como justificativa para muitos cortes orçamentários, como também impulsionou uma onda de debates sobre a relevância social e acadêmica das instituições de ensino superior. Às vistas de tamanha campanha contra a educação superior pública e considerando que construímos significados em uma interpretação sociocultural, a mensagem na porta do banheiro acaba apontando para um Discurso recorrente na retórica da direita política que deslegitima o espaço universitário, e, conseqüentemente, seus estudantes.

Na mensagem que frisa a importância de vivenciar a jornada acadêmica, nota-se que a presença de verbos no imperativo implica uma ideia de urgência, como se a postura dos/as discentes fosse algo a ser mudado imediatamente. Há também um questionamento seguido de uma afirmação: “Como vocês podem não se interessar por isso? Eu quero tudo da UFRJ”. Mais uma vez, podemos inferir a entextualização de um Discurso que diminui a contribuição estudantil para o ambiente universitário, seguido de uma declaração que separa a pessoa que escreveu a mensagem dos demais alunos/as. Quando a autora questiona o porquê de as pessoas não se interessarem pela faculdade, e logo depois afirma querer abraçar tudo que a universidade oferece podemos interpretar a indexação do binário “nós” *versus* “eles/as”. Esse pensamento

dicotômico perpetua uma lógica de exclusão, em que o “nós” está atrelado ao padrão ideal, enquanto “eles/elas” são inferiores. Nessa ótica, a entextualização desse binarismo convoca ideologias sobre quem deve pertencer ou não ao espaço universitário. Afinal, quem deve frequentar a universidade são só aqueles/as que conseguem se comprometer plenamente com todas as possibilidades acadêmicas?

O diálogo na porta da cabine do banheiro feminino é encadeado com uma resposta ao comentário que supõe o desinteresse dos estudantes. Em um tom irônico, a resposta “R: É que eu trabalho, amor!” questiona o ângulo elitista pelo qual a educação está sendo compreendida, trazendo à tona uma realidade enfrentada por muitos/as alunos/as da Faculdade de Letras: a necessidade de trabalhar enquanto se faz uma graduação. Ao analisarmos essa mensagem, podemos observar uma setinha saindo da pergunta “Como vocês não se interessam por isso?”, o que nos leva a entender que “R: É que eu trabalho, amor!” é uma resposta direta a tal questionamento. Quando é indicado que o trabalho faz parte da realidade dos/as estudantes, percebemos que há uma contestação à categorização dos/as alunos/as como descompromissados/as com os estudos. Certamente, muitos desejam aproveitar mais a universidade, no entanto, o cansaço físico e mental, a falta de tempo e as dificuldades financeiras podem ser dificultadoras para o/a estudante-trabalhador/a. Nesse sentido, percebe-se que há a indexação de um Discurso elitista, que aponta para a ideia de que a educação é um privilégio e que só deve ser disponibilizada àqueles/as que são capazes de estudar e se dedicar. Tal visão meritocrática ignora o fato de que muitas pessoas trabalham e estudam, e, por isso, não têm tempo de sobra para desfrutar das oportunidades acadêmicas.

Escrito sob uma perspectiva alheia à realidade do/a estudante brasileiro/a, a indignação com o fato de que muitos deixam de participar nas atividades acadêmicas parece não considerar que nem todas as pessoas possuem a estrutura necessária para se dedicar somente aos estudos. Convocando uma ideologia de que a educação deve ser a prioridade na vida de todos/as os/as estudantes, a mensagem sobre transitar pela universidade não leva em consideração que estudar é um privilégio para poucos/as na nossa sociedade, e que, infelizmente, a educação vem em segundo plano para muitas pessoas. Entretanto, diferentemente do que foi indexado na mensagem, dedicar-se ao estudo não é uma tarefa fácil; em uma sociedade extremamente desigual, a sobrevivência é uma necessidade mais urgente que a educação. Ao contestar a visão da educação a partir de um prisma burguês, a resposta “R: É que eu trabalho, amor” desestabiliza ideologias dominantes sobre o que é ser estudante. A realidade é que muitos/as

discentes precisam trabalhar e, nesses casos, o trabalho torna-se uma prioridade para garantir o sustento e a sobrevivência.

Como resposta a “R: É que eu trabalho, amor!”, vemos a mensagem “Ninguém perguntou”, que aparenta debochar da condição estudar-trabalhar. Tal comentário acrescenta outra camada de significado ao diálogo na cabine do banheiro, em que se pode interpretar a simbolização do descaso com o/a estudante-trabalhadora. Nessa discussão, percebe-se que há uma tentativa de silenciamento das tensões vividas por aqueles/as que estudam e trabalham, como se a cabine sanitária não fosse lugar para que essas pessoas pudessem expressar sua realidade. Uma possível interpretação dessa mensagem aponta para o modo de pensar na universidade como um espaço elitista, que só poderia ser frequentado por quem pode dedicar-se exclusivamente ao estudo. Nessa ideologia conservadora, vemos em “Ninguém perguntou” a entextualização do pensamento individualista burguês, em que pouco se importa com quem é sistematicamente prejudicado e se prevalece a lógica meritocrática. O que percebemos é que nessa mensagem é focalizada uma noção de que a universidade não é espaço para quem trabalha, e caso existam trabalhadores/as, o cuidado e apoio não seriam necessários. Vemos, então, que o enquadramento semiótico da porta da cabine sanitária indexa valores sociais que orientam o posicionamento dos indivíduos, marcando bem a diferença de classes sociais, e, conseqüentemente, as prioridades para cada uma. Por isso, o estudo etnográfico incluiu entrevistas por *WhatsApp* com colegas da FL/UFRJ para saber como eles/as interagem com a paisagem linguística analisada neste estudo.

Ao compartilhar a figura 1 com colegas que frequentam a FL/UFRJ, verifiquei que as pessoas entrevistadas tinham percepções similares às minhas, e inferiram a presença de Discursos que apontam para privilégios e prioridades diferentes entre os/as discentes da FL/UFRJ. João avalia a Faculdade de Letras como *“um ambiente universitário repleto de oportunidades e possibilidades a serem disfrutadas, mas que mostra que o usufruto da Universidade é na verdade um privilégio de poucos.”* (João, em entrevista encaminhada por *WhatsApp* — dezembro 2023). Em uma perspectiva similar, Ana complementa:

Acho que a pessoa do primeiro texto (transitem por outros lugares) não entende que isso é um privilégio. O que me incomoda aí não é nem essa coisa do privilégio é o “como vocês podem não se interessar por isso?” Penso que pode ser uma coisa tipo da pessoa não enxergar mesmo q a maioria das pessoas não tem tempo pq trabalha e mora longe, de ficar passeando pela ufrj. (Ana em entrevista encaminhada por WhatsApp – dezembro 2023)

Ana também indica na entrevista que a mensagem “ninguém perguntou” na figura 1 *“vem de um discurso de “ai vcs querem militar em cima de tudo tbm””*. (Ana, em entrevista

encaminhada por *WhatsApp* – dezembro 2023). Essa interpretação adiciona outra camada de significado à mensagem entextualizada na porta da cabine sanitária, visto que há a percepção de um Discurso que indexa a juventude universitária como excessivamente militante, que problematiza coisas simples.

É comum vermos em portas de banheiros públicos um emaranhado de mensagens e pichações em que textos recentes se mesclam aos mais antigos. Nesses encontros semióticos, a dimensão histórica temporal de quando esses signos foram entextualizados nos espaços não é clara, e, muitas vezes, temos que nos guiar através de pistas discursivas para supor um recorte temporal. Nas imagens a seguir, é possível observar em outra porta de cabine sanitária um diálogo em que alunas debatem sobre o tempo que estão levando para concluir a graduação.

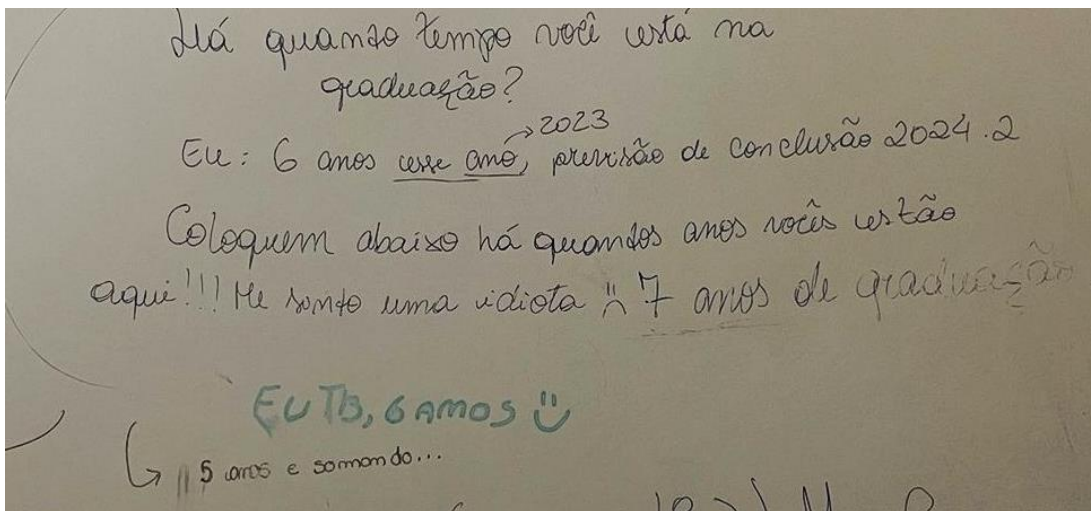


Figura 2. “Há quanto tempo você está na graduação? Eu: 6 anos esse ano (2023), previsão de conclusão 2024.2. Coloquem abaixo quantos anos vocês estão aqui!!! Me sinto uma idiota =(7 anos de graduação”. “Eu tb, 6 anos =)”. “5 anos e somando...”

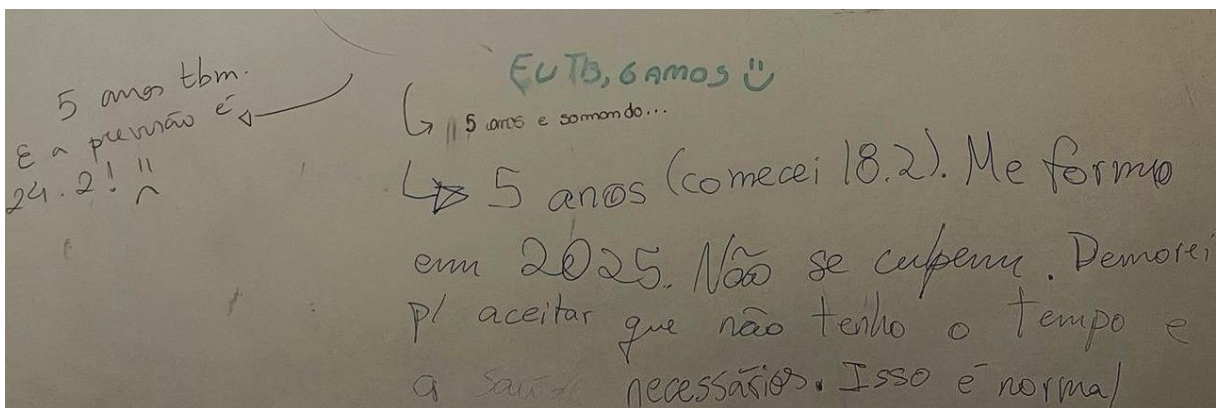


Figura 3. “5 anos tbm. E a previsão é de 24.2! =(”. “5 anos (comecei 18.2). Me formo em 2025. Não se culpem. Demorei p/ aceitar que não tenho tempo e a saúde necessários. Isso é normal”.

Por ter sido entextualizado na porta de uma cabine sanitária do bloco F-200 da FL/UFRJ, os signos em análise interagem com uma multiplicidade de pessoas, visto que eles foram colocados em um banheiro com alta circulação de alunas. Justamente devido à grande visibilidade do local em que as mensagens foram colocadas, os signos foram sendo atualizados conforme a interação com os corpos históricos que frequentam tal banheiro, no caso, as próprias estudantes da faculdade. Nesse sentido, observa-se que, por ter sido entextualizado em um espaço universitário, as interações com esses signos apontam para as tensões vividas por estudantes da FL/UFRJ, em geral. Assim, a cada atualização, novas camadas de significado foram somadas à indexicalidade projetada pelos signos, apontando para o Discurso da dificuldade para concluir uma graduação.

Ao me debruçar sobre a análise dos signos entextualizados na porta da cabine sanitária, suponho que o diálogo foi iniciado com a pergunta “Há quanto tempo você está na graduação?”, seguida da resposta da própria autora da pergunta, que descreve a sua situação na faculdade. Como o restante das mensagens que compõem o diálogo são iniciadas com uma seta que parte da pergunta “Há quanto tempo você está na graduação?”, todas são uma resposta ao questionamento. Em forma de desabafo, as mensagens nas figuras 2 e 3 refletem uma circunstância enfrentada por estudantes da FL/UFRJ atualmente, essa sendo a dificuldade de formatura no prazo previsto pela faculdade. No caso da Faculdade de Letras da UFRJ, o prazo mínimo para a colação de grau é de 4 anos e o prazo máximo 6 anos. Entretanto, vemos nas mensagens que muitas pessoas estão há 5, 6, 7 anos na graduação e se sentem envergonhadas com essa situação.

A questão da falta de tempo dos estudantes se torna visível no trecho “5 anos (comecei 18.2). Me formo em 2025. Não se culpem. Demorei p/ aceitar que não tenho tempo e a saúde necessários. Isso é normal”. Nessa mensagem, podemos interpretar a materialização do Discurso de que todo estudante precisa ter tempo para estudar, no entanto, vemos que a autora dessa inscrição não possui tamanha disponibilidade. Nessa perspectiva, infere-se que tal Discurso orienta ideologias de privilégio e, entendendo os estudantes universitários como parte da classe trabalhadora, o tempo se torna um recurso a que poucos têm acesso. Quando o estudante precisa dividir a rotina entre a universidade e o trabalho, encontrar um equilíbrio entre essas atividades torna-se muito difícil, podendo levar a uma sobrecarga de atribuições. Esse excesso de responsabilidades pode debilitar a saúde física e mental dos estudantes, prejudicando o desempenho acadêmico e a qualidade de vida do corpo discente.

Entretanto, apesar das atribuições sofridas pelo/a estudante-trabalhador/a em ter que dividir seu tempo entre estudo e trabalho, observa-se que muito se normaliza essa situação. Em “Isso é normal”, interpreto que a inscrição traz uma mensagem de conforto às alunas que estão atrasadas, visto que muitos/as não conseguem terminar a faculdade em quatro anos. Entendo também que o sofrimento de trabalhar e estudar acaba sendo normalizado, o que indexa um senso de conformidade com a circunstância da falta de tempo, saúde e qualidade de estudo do/a estudante-trabalhador/a, reproduzindo um Discurso que aponta para o descaso com esses/as alunos/as. Também entendo a entextualização da conformidade com a lógica liberal das relações de trabalho, que almeja o lucro acima de tudo e pouco se importa com a saúde e o bem-estar de trabalhadores/as. Como aponta Fábio, um dos estudantes entrevistados pelo *WhatsApp*, o Discurso entextualizado na porta da cabine sanitária é um desabafo desesperado com a situação:

Essa aqui é quase um pedido de socorro em busca de gente na mesma situação que eles pra não se sentirem sozinhos, meio q um desabafo coletivo e eles mesmo se confortam compartilhando q ele não é o único ferrado. (Fábio em entrevista encaminhada por WhatsApp – dezembro 2023)

Sob outro ângulo, vemos no conjunto de signos a entextualização de símbolos (*emoticons*) que representam feições tristes e a entextualização de uma mensagem autodepreciativa quando uma aluna diz se sentir uma idiota por estar levando muito tempo para se formar. Quando recontextualizados no enquadramento semiótico da cabine sanitária em questão, tais símbolos e mensagens passam a apontar para ideologias que circulam na FL/UFRJ, podendo ser orientadas por um Discurso meritocrático de culpabilização dos/as alunos/as. Nessa interpretação, convoca-se a crença de que estudantes são os/as únicos/as responsáveis pelo seu sucesso ou fracasso, como se nós não estivéssemos inseridos em um sistema que se orienta através de esferas de privilégio. No emaranhado de mensagens, destaco o trecho “não se culpem”, que lança luz sobre o fato de que existem diversas questões envolvidas no atraso acadêmico, que concluir a graduação não depende só do esforço individual. O que percebemos é que ao interagir com os signos, a autora de “não se culpem” desestabiliza o Discurso meritocrático indexado nas mensagens da cabine sanitária.

Nessa mesma porta de cabine sanitária, acrescenta-se ainda mais uma camada de significado quando observamos que acima da pergunta “Há quanto tempo vocês estão na graduação?” está escrito “vagabundos”. A mensagem não está tão nítida pois foi escrita à lápis, diferentemente do restante, que foi escrito à caneta.

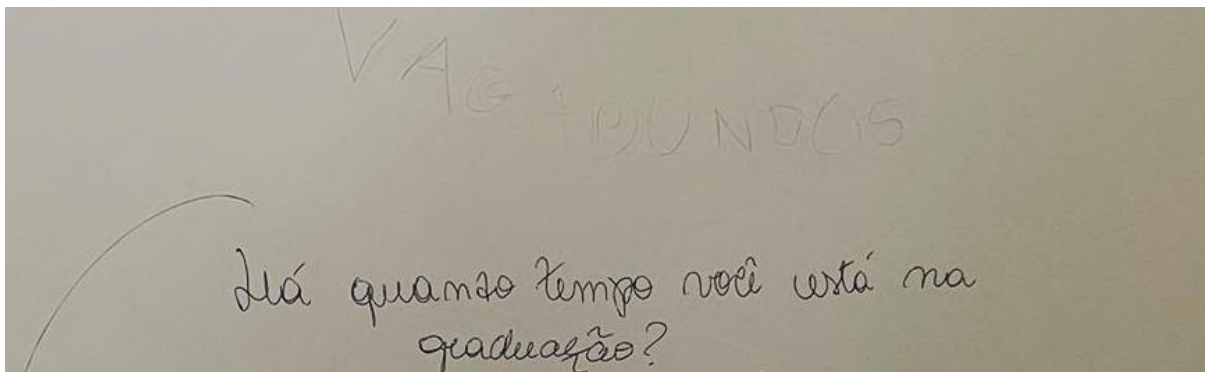


Figura 4. “Vagabundos”

Posicionada diretamente acima de toda a discussão sobre o atraso na graduação, a ofensa “vagabundos” provavelmente foi inscrita na porta da cabine sanitária após já existirem algumas mensagens no local. Tendo em mente que as pessoas costumam ler de cima para baixo, quem entrar na cabine sanitária possivelmente lerá “vagabundos” antes do restante do diálogo, visto que a colocação do xingamento precede os desabafo das estudantes. Assim, a ideia de estudantes, em geral, como malandros e preguiçosos é indexada antes mesmo da leitura das demais mensagens. Nessa direção, supondo que os “vagabundos” são os/as estudantes atrasados/as, mais uma vez, podemos interpretar na paisagem linguística da FL/UFRJ a presença de um Discurso que deprecia estudantes universitários. Percebe-se, então, que a indexicalidade projetada a partir de “vagabundos” convoca uma série de ideologias que apontam para a caracterização de estudantes universitários/as como baderneiros/as que não estudam e só estão na faculdade para aproveitar a vida. Nessa compreensão, entendo que a entenuxualização de “vagabundos” não foi por acaso, uma vez que o local onde a ofensa foi colocada é ideologicamente motivado e orienta para uma conversa contínua e um Discurso específico, sendo esse o ataque a estudantes da universidade pública. Nas entrevistas realizadas por *WhatsApp* com colegas graduandos, a inscrição “vagabundos” na figura 4 foi notada apenas por João, provavelmente porque o xingamento não está tão nítido. Ao interagir com essa ofensa, pude observar que ele também depreendeu um Discurso que desqualifica a juventude universitária: *“Existe aquela sutil mensagem de “vagabundos” no topo, que reproduz um discurso social comum que apresenta o estudante da universidade pública como descompromissado.”* (João em entrevista encaminhada por *WhatsApp* — dezembro 2023).

Na interação com os signos presentes nas figuras 2, 3 e 4, alguns/mas entrevistados/as inferiram a presença de um Discurso que aponta para a compreensão meritocrática e elitista do ensino superior no Brasil. Nessa ótica, Ana entende que os signos: *“apontam pra uma crítica*

do sistema das universidades publicas q sao mto elitizadas. a pessoa nao consegue terminar no tempo certo se estiver trabalhando junto.” (Ana em entrevista encaminhada por WhatsApp – dezembro 2023)

Compartilhando de uma percepção parecida, Pedro reflete sobre como a elitização do ensino superior é espelhada na relação entre grade curricular e tempo previsto para a colação de grau.

É uma prática comum medir os estudos pelo espaço-tempo, como se fossem quantitativos. É uma ideia difundida de que existe um tempo ideal, e desejado, para se concluir a graduação. Os cursos de graduação em Letras da UFRJ são organizados numa grade de 8 semestres, logo, 4 anos. Porém, todas as respostas descritas na imagem negam, de alguma forma, esta organização. Os horários geralmente ofertados pelas disciplinas exigem do corpo discente uma dedicação, por vezes, exclusiva, que se faz impraticável para pessoas que possuem outras responsabilidades de subsistência. Assim, as respostas engajam numa conversa velada sobre a impossibilidade de aproveitamento da grade curricular dentro do tempo proposto. (Pedro em entrevista encaminhada por WhatsApp – dezembro 2023)

Nesse comentário, Pedro lembra que os signos colocados no espaço da Faculdade de Letras/UFRJ indexam uma situação histórica na qual as políticas universitárias negligenciam a preocupação com a permanência de estudantes na universidade. Ele nos atenta ao fato de que só garantir a entrada dos/as estudantes com cotas raciais e sociais não tem sido suficiente, pois são necessárias políticas estudantis que assegurem a permanência da juventude universitária dentro da faculdade.

4.2 Panfleto colado na porta de uma sala de aula

A imagem abaixo é um panfleto de divulgação da chapa 2 para as eleições de junho de 2023 do CONUNE (Congresso da União Nacional dos Estudantes). O CONUNE ocorre a cada dois anos e é o principal fórum deliberativo para decidir o posicionamento político da UNE (União Nacional dos Estudantes). Em junho de 2023, foi realizada a votação para eleger novos delegados para representarem as universidades na UNE, e é nesse contexto que a chapa 2 propõe-se a representar os estudantes da UFRJ. Como o panfleto faz parte da divulgação de uma chapa estudantil, pode-se interpretar que ele foi feito por estudantes da UFRJ que fazem parte da chapa 2. Esta defende uma universidade popular e propõe lutar por uma educação inclusiva para a classe trabalhadora.

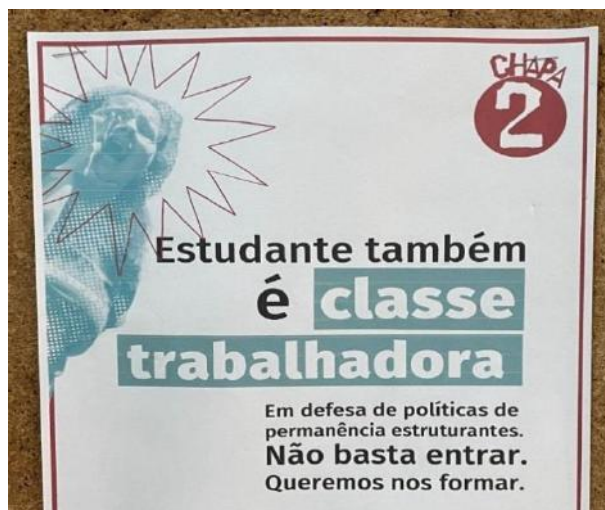


Figura 5. “Estudante também é classe trabalhadora. Em defesa de políticas de permanência estruturantes. Não basta entrar. Queremos nos formar.”

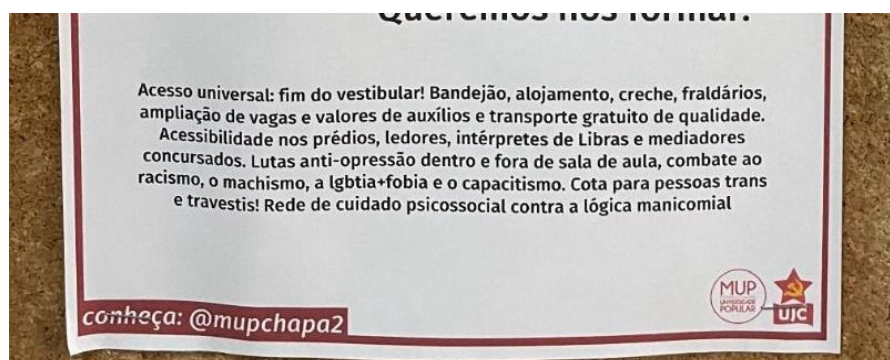


Figura 6 (continuação da figura 5). “Acesso universal: fim do vestibular! Bandeirão, alojamento, creche, fraldários, ampliação de vagas e valores de auxílios e transporte gratuito de qualidade. Acessibilidade nos prédios, ledores, intérpretes de Libras e mediadores concursados. Lutas anti-opressão dentro e fora da sala de aula, combate ao racismo, machismo, a lgbtia + fobia e o capacitismo. Cota para pessoas trans e travestis! Rede de cuidado psicossocial contra a lógica manicomial.”

Encontrados presos na cortiça da sala H-203 da FL/UFRJ, os signos em questão estão entextualizados em um local de visibilidade na faculdade. Quando subimos em direção ao segundo andar do bloco H, imediatamente nos deparamos com a sala H-203, que está localizada de frente para as escadas. Além disso, por se tratar da divulgação de uma chapa estudantil, o panfleto foi espalhado por outros espaços do prédio de Letras em que há uma intensa circulação de estudantes: em outras portas de salas de aula, nos murais e nos corredores da faculdade. Nesse sentido, o panfleto preso na porta da sala H-203 está historicamente situado, apontando também para corpos e espaços históricos. Assim, os lugares em que o panfleto foi colocado indexam uma chamada para ação, voltada para conscientizar os alunos da UFRJ sobre a

condição do estudante e também para exigir da universidade uma ampliação das políticas de permanência.

Considerando o gênero discursivo panfleto, lembro aqui que a disposição do texto, as cores utilizadas, o tamanho das fontes das letras e a presença ou não de imagens orientam a forma como o encontro semiótico acontece. No panfleto, o trecho “Estudante também é classe trabalhadora” está escrito em uma fonte maior que o restante da mensagem, trazendo um destaque maior para “classe trabalhadora”, que está grifado em azul. Essa diferença de cor e do tamanho das letras atrai imediatamente a atenção do leitor. Dessa forma, mesmo que alguns não tenham interagido com o restante da mensagem contida no panfleto, podemos presumir que muitas pessoas leram o trecho “Estudante também é classe trabalhadora”. Verifica-se, também, no canto superior esquerdo do panfleto, a sobreposição de um balão de exclamação por cima da fotografia de uma mulher gritando. Esses são elementos comumente utilizados para indicar e dar destaque a uma exclamação. No contexto do panfleto em análise, tais recursos podem ter sido empregados para expressar a indignação com a situação do/a estudante-trabalhadora e para chamar a atenção a tal problema.

Ao afirmar que estudantes fazem parte da classe trabalhadora, o panfleto se afasta de um Discurso hegemônico que enxerga discentes sob um prisma unidimensional, em que as tensões sociais são ignoradas. Caminhando nessa direção, interpreto que o termo “classe trabalhadora” não se limita somente aos que trabalham, como também àqueles que provêm de famílias que não são detentoras de meios de produção, ou seja, que vendem a força de trabalho. De acordo com essa percepção, entendo que o uso de “também” como escolha lexical em “Estudante também é classe trabalhadora” aponta para existência de um Discurso que desconsidera os/as estudantes dentro da lógica de trabalho no mundo capitalista. Por outro lado, ao indexar discentes como parte da classe trabalhadora, há uma desestabilização do Discurso que enxerga o estudo como a única prioridade dos/as estudantes.

No panfleto, depreendo que são indexadas noções de trabalho que apontam para uma ideologia produtivista neoliberal voltada para atender as necessidades imediatistas do mercado. Em meio a um cenário de crise do capital, marcado pela inflação crescente, desemprego em massa e a intensificação da sobrecarga laboral, observa-se que universitários, cada vez mais cedo, são obrigados a ingressar no sistema de trabalho para autossustento ou para contribuir com a renda familiar.

Vemos a reivindicação de políticas de permanência em “Em defesa de políticas de permanência estruturantes”. Não basta entrar. Queremos nos formar.”. Neste trecho observa-se

que, apesar de existirem políticas que garantem um acesso mais democratizado ao ensino superior, dentro da universidade as políticas de apoio ofertadas não são suficientes. O apoio financeiro aos discentes da UFRJ é insuficiente, como evidenciado pelo fato de que 65% dos pedidos de auxílio financeiro não são atendidos, conforme aponta a publicação de Estela Magalhães para o jornal da AdUFRJ (MAGALHÃES, 2022). Por esse motivo, muitos/as alunos/as de baixa renda, por exemplo, desistem do curso. Ao contrário, quando os estudantes recebem algum tipo de bolsa, seja de auxílio ou de natureza acadêmica, não há registros de evasão, como ilumina a tese de Doutorado de Melina Klitzke (2022). Tendo em vista o quadro traçado, podemos perceber que a mensagem materializada no panfleto aponta para a falta de equidade entre estudantes, visto que a universidade não consegue oferecer a infraestrutura necessária para garantir que todos/as tenham o mesmo acesso à educação.

No panfleto, são listadas algumas políticas de apoio estudantil que já existem, mas que precisam ser urgentemente ampliadas, tendo em mente que a falta de algum desses auxílios pode ser um fator decisivo para a evasão de muitos/as alunos/as. Nessa problematização, percebo que são projetados Discursos sobre a educação que indexam ideologias a respeito do sucateamento do ensino superior público, uma vez que a universidade falha em oferecer a infraestrutura necessária para o atendimento de estudantes. Como destacado no panfleto, são fundamentais medidas que garantam a permanência da classe trabalhadora na universidade, sendo vital, por exemplo, a ampliação e a reforma dos restaurantes universitários e dos alojamentos para garantir que todos/as tenham acesso a refeições e a moradia de qualidade. Por essa perspectiva, pensar em estudantes como classe estudantil-trabalhadora não se limita somente à esfera do trabalho, como também abarca tensões sociais que atravessam a juventude universitária. Dessa forma, é necessário um ambiente universitário combativo à opressão e que seja acolhedor, oferecendo, por exemplo, uma rede de apoio às mães e aos/as estudantes com deficiência.

Trazendo as vozes dos corpos que interagem com esses signos presentes na figura 5 e 6, pude observar que as percepções dos/as estudantes complementam a presente análise ao correlacionar as demandas da classe trabalhadora com a da juventude universitária, como podemos ver em:

O corpo discente é diverso em muitas nuances. Por mais que muitos entrem na universidade, a taxa de evasão geral é alta. Logo, os movimentos estudantis se organizam para lutar em favor de políticas que evitem a evasão. O texto correlaciona as demandas da classe trabalhadora com as do corpo estudantil, visto que muitos estudantes estão na interseção deste recorte. Assim, o movimento se empenha em garantir políticas que favoreçam a permanência de estudantes que dividem sua jornada de trabalho, com a acadêmica. (Pedro em entrevista encaminhada por WhatsApp – dezembro 2023).

O ponto de vista de João traz um contraponto:

Por mais que tenham sido implementadas políticas públicas facilitadoras do acesso das classes menos privilegiadas à universidade pública, essas perdem a efetividade pois não são acompanhadas de políticas que facilitem, ou possibilitem, a permanência. Ainda que a o ensino seja universal e gratuito, há sempre um custo inerente, que nem todos possuem os meios para arcar. Depois disso faz uma série de reivindicações, que embora corretas, são praticamente impossíveis no atual estado orçamentário das universidades públicas. (João em entrevista encaminhada por WhatsApp – dezembro 2023)

Quando passamos a perceber os/as estudantes como trabalhadores/as, vemos que existem muitas necessidades a serem supridas e entendemos que não existe equidade entre discentes dentro da universidade. Entretanto, apesar de serem necessários todos os auxílios mencionados no panfleto, o autor da reflexão acima entende que o orçamento do governo destinado às universidades públicas não permite tamanho investimento.

4.3 Cartaz amarrado na área externa da Faculdade de Letras da UFRJ

Por muitos anos, o reajuste das bolsas universitárias esteve presente na pauta de reivindicações dos estudantes da UFRJ. Desde 2013, o valor das bolsas não era equiparado à inflação crescente no país, o que levou muitos/as discentes a procurarem empregos além da faculdade, visto que o valor das bolsas acadêmicas mal conseguia cobrir os custos de deslocamento de alguns/mas. Isso, somado aos grandes cortes no orçamento da educação pública realizados ao longo do governo Bolsonaro, provocou revolta nos estudantes.

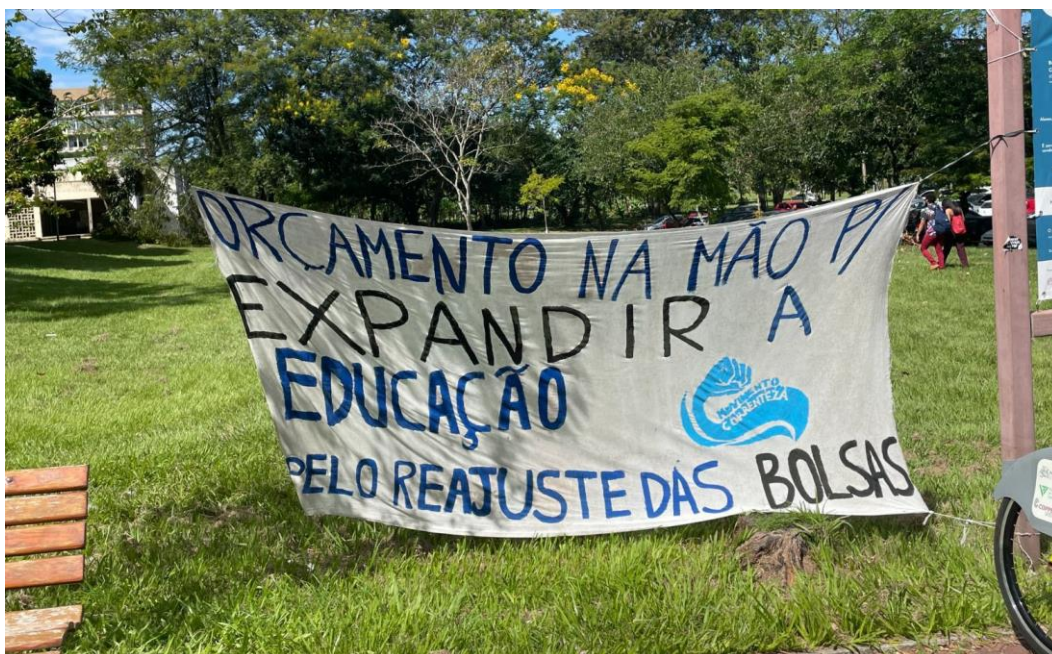


Figura 7. “Orçamento na mão p/ expandir a educação” “Pelo reajuste das bolsas”

A imagem acima foi fotografada em abril de 2023, na área externa da FL/UFRJ enquanto eu caminhava em direção à entrada da faculdade. Considerando a data em que a foto foi tirada, nota-se que ainda estávamos colhendo as consequências do governo Bolsonaro, que, além de diminuir a verba das universidades, também atrasou e cortou o pagamento das bolsas de inúmeros cursos. Entretanto, alguns meses depois, o governo Lula implementou o reajuste das bolsas acadêmicas e de permanência em todo país.

O cartaz acima foi colocado em um espaço de muito movimento, em que transitam muitas pessoas a qualquer horário do dia. Ao observar o local, vemos que o cartaz foi estrategicamente posicionado em uma parte do gramado muito próxima à entrada da faculdade, na frente de um bicicletário e de bancos onde muitos/as estudantes se sentam para conversar. Dessa maneira, por estar voltado para o caminho de acesso ao prédio da FL/UFRJ, docentes e discentes têm plena visão da mensagem e constantemente interagem com o cartaz. Verifica-se, então, que o cartaz na área externa da FL/UFRJ está inserido dentro de um contexto histórico que não se limita somente à UFRJ, mas convoca Discursos sobre a educação pública no país.

No cartaz, observa-se estampado em azul o símbolo do movimento Correnteza, movimento este construído por estudantes da UFRJ que visa lutar para melhorar as condições da universidade. Por se tratar de um movimento estudantil, podemos supor que a feitura do cartaz visava atingir o público que frequenta a universidade, composto de alunos/as e professores/as da UFRJ. Deduz-se, então, que a mensagem foi direcionada para mostrar à comunidade universitária a situação de estudantes, de modo que mais pessoas exigissem da universidade uma postura de ação em relação à situação das bolsas. Tendo em mente que signos projetam indexicalidades, podemos inferir que o contexto em que os signos estão inseridos influencia diretamente nas interpretações convocadas. Portanto, a colocação do cartaz num contexto acadêmico permite que grande parte do público que recebe essa mensagem compreenda a situação de maneira similar. Possivelmente, se o cartaz fosse encontrado na rua, ou em um supermercado, a mensagem não seria completamente compreendida por uma pessoa que está fora da realidade acadêmica da UFRJ e desconhece o problema envolvendo o corte das bolsas. Essa compreensão nos permite entender que a colocação do cartaz na área externa da FL/UFRJ não foi por acaso e aponta para espaços e corpos históricos, estes sendo os alunos afetados pela negligência do governo com o ensino superior.

Com a ascensão da extrema-direita, os últimos anos foram custosos para as universidades públicas no nosso país. Sofremos com inúmeros ataques sustentados por Discursos neofascistas e orientados por ideologias anti-intelectualistas que difamaram a

imagem institucional da universidade pública. Tamanho ataque era uma tentativa de justificar os grandes cortes orçamentários no ensino superior, que foram de 15% entre 2014 e 2022 segundo o Inep (2023). Isso tem impactado diretamente a qualidade do ensino, a pesquisa e a extensão universitária. No contexto da UFRJ, vemos uma universidade que carece de oferecer a assistência necessária ao corpo estudantil, prédios com a infraestrutura comprometida e um aumento da carga de trabalho dos professores. Em face de tal cenário, podemos observar que no trecho “orçamento na mão p/ expandir a educação” há um senso de urgência evidenciado pela expressão “na mão” que, dadas as condições da universidade, pode aludir à necessidade imediata do investimento financeiro. Por outra perspectiva, o termo “na mão” também pode indexar a ideia de que o orçamento monetário existe, só não está sendo destinado à educação.

A falta de investimento nas universidades gera um efeito cascata, já que, sem o orçamento necessário, não há como oferecer uma quantidade numerosa de bolsas e auxílios para os estudantes. Em razão disso, nota-se que muitos/as estudantes se afastam da universidade, sobretudo aqueles/as que pertencem às camadas mais pobres e necessitam de uma maior assistência. Diante da falta de amparo, estudantes da classe trabalhadora se veem na necessidade de procurar estabilidade financeira no mercado de trabalho e podem acabar deixando os estudos num segundo plano. Por meio desses levantamentos, podemos inferir que o cartaz também aponta para a falta de cuidado com estudantes, visto que são fundamentais o apoio financeiro e a motivação acadêmica para que a juventude universitária dê continuidade à graduação.

Na interação com esse cartaz, Fábio compreendeu se tratar de um chamado aos/às estudantes. Diz ele, “*linguagem mais direta, que eu acho q funciona melhor, meio q uma convocação pra uma luta.*” (Fábio, em entrevista encaminhada por WhatsApp — dezembro 2023). Nessa ótica, vemos que a escolha e a disposição das palavras no cartaz orientam a construção de significados. Por outras perspectivas, vemos que os/as demais entrevistados/as puderam identificar Discursos que apontam para o sucateamento da educação pública, e consequentemente, o descaso com o pesquisador público.

Isso aqui pra mim aponta pra um discurso de que o pesquisador não está sendo valorizado, ja que tao pedindo reajuste nas bolsas é pq acham que o valor é baixo. E esse dialoga tbm com a coisa do trabalho pq se as bolsas fossem mais altas as pessoas nao precisariam trabalhar talvez e poderiam se dedicar a pesquisa ou extensao por exemplo. (Ana em entrevista encaminhada por WhatsApp – dezembro 2023)

Reivindicação pelo aumento das bolsas estudantis, das quais muitos alunos dependem para a continuidade do ensino – lógica das figuras 5 e 6, mesmo gratuito há um custo. Também linkando com as figuras 5 e 6, há atualmente um cenário de

precarização do orçamento destinado às universidades públicas, o que causou esse sucateamento histórico das bolsas, remediado em partes pelo atual governo. (João em entrevista encaminhada por WhatsApp – dezembro 2023)

Durante os últimos anos, a UFRJ sofreu diversos cortes e contingenciamentos orçamentários que debilitaram sua estrutura. Contudo, no início de 2023, o governo federal anunciou reajuste para diversas bolsas de ensino, não corrigidas desde 2013. Após o anúncio, os movimentos estudantis se mobilizaram para cobrar e agilizar a aplicação dos novos valores de bolsas. Para muitos estudantes, as bolsas são um recurso fundamental de permanência na universidade, mas se tornaram insuficientes ao longo dos anos. Assim, o reajuste das bolsas é uma forma de garantir que mais estudantes permaneçam em suas atividades de forma plena. (Pedro em entrevista encaminhada por WhatsApp – dezembro 2023)

Tendo em vista as percepções acima, é possível observar que os/as entrevistados/as associaram as figuras 5 e 6 com o cartaz da figura 7. Isso nos mostra signos apontando para outros signos na paisagem linguística. Nessa movimentação, o que percebemos é que as pessoas que interagiram com esse cartaz operam simultaneamente em tempos-espacos históricos entrelaçados. Por um lado, interpretam localmente a falta de verbas com o fato de o corpo estudantil da Faculdade de Letras ter que recorrer ao trabalho para sobreviver. Por outro, ampliam a discussão para escalas mais amplas como as políticas educacionais insuficientes praticadas pela UFRJ e pelo governo federal.

5- CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho busquei analisar quais Discursos sobre a tensão trabalhar-estudar são entextualizados na paisagem linguística da FL/UFRJ, bem como que ideologias sobre trabalho e educação foram indexadas nesses encontros semióticos. A partir da análise geosemiótica, propus a reflexão sobre as implicações ideológicas da interação entre signos, corpos e espaço, lançando luz sobre como Discursos são produzidos, reproduzidos e projetados nos espaços e, conseqüentemente, nas interações das pessoas com os signos. Por meio dessa análise pude observar as múltiplas indexicalidades projetadas nas mensagens entextualizadas na paisagem linguística da FL/UFRJ, verificando como as práticas discursivas colidem em um choque discursivo de acordos e desacordos. Foi nesse panorama que eu encontrei uma multiplicidade de Discursos que apontam para as tensões que atravessam a esfera do trabalho e do estudo na vida da juventude universitária da FL/UFRJ.

De maneira geral, notei a presença de discursos que apontam para a falta de equidade entre estudantes dentro da Faculdade de Letras da UFRJ. Isso se deve ao fato de que a UFRJ é uma universidade que recebe estudantes de diferentes realidades socioeconômicas. Por esse

motivo, vemos que existem diferentes níveis de acesso a oportunidades acadêmicas e a recursos financeiros entre os/as alunos/as. Essa desigualdade, aliada à ausência de políticas de permanência que auxiliem o/a estudante trabalhador/a, gera altos índices de evasão e atraso na graduação. Existem diversos fatores que contribuem para o atraso na conclusão dos cursos universitários, mas, pensando no contexto de uma universidade federal, podemos inferir que a falta de equidade entre estudantes é um dos motivos principais. Para o acesso ao ensino superior, existem políticas de entrada, políticas afirmativas, mas quando os/as estudantes estão dentro da faculdade, como se dá essa equidade? Há políticas de manutenção? Alunos/as da classe trabalhadora, por exemplo, costumam precisar conciliar os estudos com o trabalho, e não podem se dedicar exclusivamente aos estudos. Dessa forma, precisam organizar a vida acadêmica de acordo com a jornada de trabalho, o que pode levar a reprovações e trancamentos.

Tais tensões foram entextualizadas de diferentes formas na paisagem linguística da UFRJ, mas em todos os signos analisados neste trabalho pudemos ver que são projetados Discursos sobre o descaso com o ensino superior público no nosso país. Nessa problematização, percebe-se que o sucateamento da educação pública gera um efeito cascata de consequências negativas na universidade, que se refletem de forma mais severa nos estudantes-trabalhadores. Nesse contexto, o descaso do poder público, aliado ao cenário pós-pandêmico, agravou ainda mais as dificuldades enfrentadas pelos estudantes-trabalhadores. Essa percepção me permitiu entender que o aumento do desemprego, a precarização das condições de trabalho e a necessidade de conciliação do trabalho com os estudos são tensões que afetam diretamente a vida desses/as estudantes.

Na paisagem linguística da FL/UFRJ também pude inferir a circulação de Discursos conservadores que indexam ideologias meritocráticas de ataque à juventude universitária. Nas análises, identifiquei que os atravessamentos sociais da vida de estudantes são frequentemente ignorados. Isso ocorre porque há uma ideologia dominante que enxerga o estudante sob um prisma unidimensional, em que ele é compreendido de forma isolada, como se a sua única função fosse estudar. Nessa perspectiva, a trajetória acadêmica dos alunos é avaliada com base em noções meritocráticas, o que contribui para a estigmatização dos/as estudantes como fracassados/as e vagabundos/as, mesmo que eles/elas não possuam a estrutura necessária para estudar. Portanto, é fundamental compreender que estudantes universitários, muito frequentemente, fazem parte da classe trabalhadora e que, como tal, têm direito a condições dignas para estudar.

Vale ressaltar aqui que os significados convocados em uma interação semiótica são articulados por meio de ideologias, que envolvem modos múltiplos de difusão semiótica e a compreensão de que signos produzem efeitos de sentido dependentes de como são colocados no mundo social, onde, por quem, para quem e em que circunstâncias. Por essa razão, não podemos analisar os signos sem considerar a complexidade envolvida nos processos de entextualização. Nessa lógica, a interpretação dos significados não se limita somente às mensagens contidas nos signos. Acima de tudo, os signos espelham convenções sociais, culturais e históricas à medida que lhes atribuímos sentidos. Olhar para o entrelaçamento de d/Discursos nas paisagens linguísticas com as quais interagimos é, assim, crucial para o entendimento das experiências de sentidos que vivenciamos cotidianamente no tempo do aqui-e-agora e no tempo histórico mais amplo.

6- REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARBOZA, R.; BORBA, R. **Linguistic landscapes as pornoheterotopias (De)regulating gender and sexuality in the public toilet**. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2018
- BLOMMAERT, J. **Discourse. A critical introduction**. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.
- BLOMMAERT, J.; HUANG, A. **Historical bodies and historical space**. *Journal of Applied Linguistics and Professional Practice*, 6(3), 267–282. United Kingdom, 2015.
- FABRÍCIO, B. Linguística aplicada como espaço de “desaprendizagem”: redescrições em curso. *In*: MOITA LOPES, Luiz Paulo (org). **Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006. Cap. 1, p. 45 – 65.
- GEE, J. P. **An Introduction to Discourse Analysis: Theory and Method**. London: Routledge, 1999.
- INEP - Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Relatório de Gestão da Educação Superior 2022**. Brasília, DF, 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/inep/pt-br/relatorio-anual-de-atividades-e-gestao-do-inep-2022>. Acesso em 05 dez. 2023.
- JAWORSKI, A.; THURLOW, C. **Semiotic Landscapes: Language, Image, Space**. London: Routledge, 2010.

- LANDRY, R.; BOURHIS, R. **Linguistic Landscape and Ethnolinguistic Vitality: An Empirical Study**. Journal of Language and Social Psychology, Vol. 16 No 1. Montreal, 1997.
- KLITZKE, M. **Fatores associados à evasão e conclusão de curso na educação superior brasileira: uma análise longitudinal**. Rio de Janeiro, 2022. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022.
- MAGALHÃES, E. **O drama da evasão na UFRJ**. AdUFRJ, 2022. Disponível em: <https://adufrij.org.br/index.php/pt-br/noticias/arquivo/21-destaques/4182-o-drama-da-evasao-na-ufrij>. Acesso em 05 dez. 2023.
- SANTOS, L. **Triste sina ser poeta de latrina: Um estudo antropológico/artístico dos grafitos de banheiro [What a doom to be a poet in a restroom: An anthropological / artistic study of restroom graffiti]** (Master's thesis, Federal University of São Carlos, São Carlos, Brazil), 2012.
- SCOLLON, R.; SCOLLON, S. W. **Discourse in Place: Language in the Material World**. London: Routledge, 2003.
- SCOLLON, R.; SCOLLON, S. W. **Nexus analysis: Discourse and the emerging Internet**. Routledge, 2004.
- SHOHAMY, E.; BEN-RAFAEL, E.; BARNI, M. **Linguistic Landscape in the city**. Bristol, Buffalo, Toronto: Multilingual Matters, 2010.
- STROUD, C.; MPENDUKANA, S. **Towards a material ethnography of linguistic landscape: Multilingualism, mobility and space in a South African township**. Journal of Sociolinguistics, 13(3), 363–386, 2009.
- VARGAS, Hustana.; PAULA, Maria de. **A inclusão do estudante-trabalhador e do trabalhador-estudante na educação superior: desafio público a ser enfrentado**. Avaliação: Revista da Avaliação da Educação Superior, Campinas; Sorocaba, SP, v. 18, n. 1, p. 19-36, jan./abr, 2013.